

SUBSÍDIOS AOS 500 ANOS OU UM OLHAR PESSOAL SOBRE AS COMEMORAÇÕES

Rui Rasquilho

Após um ano de ausência, voltamos ao Pará. Como sempre, chegamos ao início da tarde a Belém quando o calor verde da cidade oferece uma agradável sensação de quietude.

A Amazónia do Rio Mar, foi desde sempre terra cobiçada, não admira por isso que durante o início do século XVII logo que os portugueses resolveram a seu contento a luta com os franceses na ilha de São Luís, no Maranhão, construísem na margem da baía do Guajará o forte do Presépio.

A cidade nasce com o forte, em 1615, e marca o início da penetração lusa nas terras amazónicas.

A região norte é porventura a mais fascinante de todo o Brasil, há aqui, talvez pela imensidão da água e da constante floresta que parece dela emergir, como se fosse o nascimento do mundo, um indelével espírito mágico.

As primeiras entradas no Rio Mar e noutros rios da bacia amazónica durante o primeiro quartel do século XVII foram por certo rudes e assombrosas. Bento Parente e Soares Moreno pioneiros do sertão, buscaram para montante do Amazonas ouro e índios e na imaginação de Alencar, o luso Soares Moreno acabará mesmo por encontrar o amor nos braços da lindíssima índia Iracema.

Só na água os homens encontravam por esta época caminho seguro, a expedição por terra entre Belém e São Luís, efectuada por Pedro Teixeira através dos domínios dos caetés, é um exemplo isolado de corajosa iniciativa, mas também a demonstração da dificuldade que havia em descer do Pará para o Nordeste em barco à vela.

Em 1620, a coroa portuguesa motivada pela evidência da difícil circulação na costa norte, cria o Estado do Maranhão, independente do Estado do Brasil que irá perdurar até 9 de Julho de 1774.

Como se sabe as marés alcançam Belém e é sempre uma imagem curiosa ver as águas “descerem” para a nascente dos rios, na praia mar.

Não sei se o Duarte Pacheco Pereira viveu este fenómeno, nem sequer se chegou perto da foz do Tocantins quando terá deambulado por terras do Marajó.

Desta vez fomos almoçar, não sei se na orla da floresta ou na margem do Guamá, mas a verdade é que na travessia de bote através da espessa, lenta e forte corrente não é possível deixar de lembrar algumas frases do Esmeraldo de Situ Orbis.

Passando além a grandeza do mar oceano onde é achada e navegada na tão grande terra firme com muitas e grandes ilhas adjacentes. (Duarte Pacheco Pereira, pág. 21)

Recordo-me aliás, haverá uns dez anos, de ter feito uma experiência na costa marroquina. Com o Esmeraldo na mão, como se de um guia turístico se tratasse, descí o Atlântico entre Mazagão e Safim; olhando tudo o que se avistava para bombordo constava da descrição de Pacheco Pereira.

Desta vez fomos a Santarém e Alter do Chão para vermos com os nossos olhos a herança da ocupação jesuítica, da margem direita do Amazonas, nas terras dos tapajós.

Infelizmente, não subimos o rio de barco como deveríamos ter feito, vimos alguma coisa do ar, a constante grandeza líquida cavada na floresta omnipresente, e imaginei a “*viagem del capitan Pedro Teixeira águas arriba del Rio de las Amazonas,*” cuja história rapidamente contei à minha mulher.

Se o Tratado de Madrid, negociado em 1750, foi a certidão de óbito do que assinamos em Tordesilhas de 1494, a expedição de Pedro Teixeira, Amazonas acima em 1637, salvaguardadas as diferenças foi o segundo descobrimento do Brasil, a réplica fluvial da viagem marítima cabralina.

Se Cabral alcançou Porto Seguro à vista do Monte Pascoal, Pedro Teixeira ofereceu-nos o Orinoco ajustando dados definitivos sobre o Rio Negro. Onze anos depois, Raposo Tavares também circulou pelos rios Guaporé e Madeira na actual Rondônia, para vir a desembocar no Amazonas, havendo chegado à província eclesiástica de Quito.

Relembrar os 500 anos da história brasileira passa pela homenagem a estes pioneiros que apesar de todas as violências acontecidas nesse tempo contribuíram decisivamente para o alargamento da terra brasileira na direcção da América Espanhola.

Em Alter de Chão, vilarejo de veraneio e pescadores, a Maria Manoel e eu pasmamos com a “paisagem marítima” feita de águas azuis e areia branquíssima da praia, com que o rio, sarcasticamente, parodeia o incauto viajante.

Na terra dos índios boraris compramos umas réplicas da milenar arte tapajônica e visitamos um curioso negócio, tocado por americanos, misto de museu e mostra da arte indígena, com um acervo relativamente pouco cuidado que nos disseram estar tombado.

A ironia da visita está todavia num anúncio à entrada do edifício:

Preços: brasileiros 2 reais, estrangeiros 5 reais.

O branco de óculos redondos e ar de intelectual fora de tempo, bem tentou explicar-se. Para ele, os brasileiros eram pobres e os americanos que chegavam nos vapores turísticos, os ricos da vida. Opiniões.

Acabei a abraçar um chefe índio vestido à europeia que conhecera em Brasília engalanado com os atributos da sua tribo e que eu pensava estar no Xingú.

Santarém foi quase uma decepção, imaginávamos nós que vários sobrados, para além do solar amarelo de portadas verdes, emoldurariam as ruas junto ao porto, mas apenas a Catedral em restauro para melhor servir a Festa do Círio e umas quantas casas antigas entremeadas com vulgaridades modernas cobriam a paisagem urbana da cidade.

Que saudades de São Luís, lá no Maranhão.

Não fora a estrutura urbana manter-se firme na impecável malha original que nem o extraordinário encanto do encontro das águas azuis do Tapajós com a corrente barrenta do Amazonas salvaria a viagem. Por quilómetros as águas seguem curso abaixo, até que o rio mais forte, engole as águas azuis do Tapajós.

De regresso a Belém, visitamos o moderno Museu de Arte Sacra, instalado no antigo Paço Episcopal que guarda o actual figurino, desde as remodelações sofridas no início da centúria de setecentos, sob o risco do arquitecto bolonhês José Landi. O antigo colégio de Santo Alexandre, com a sua igreja dedicada a São Francisco Xavier, era um edifício em

taipa coberto a telha, inaugurado em meados do século XVII. Foi por esta época em 1661 que após um sermão, o Padre António Vieira foi preso pela inquisição e extraditado para Portugal.

Com a expulsão dos inacianos em 1760, o edifício passa a residência do Bispo do Pará e a igreja à evocação de Santo Alexandre.

No museu, prataria religiosa, muito dela de origem portuguesa e inúmeras imagens sacras do séculos XVII e XVIII atestam a importância da igreja católica no período colonial amazónico.

Foi justamente na igreja de Santo Alexandre que tivemos a primeira surpresa. A “Exposição do Azulejo Português do Século XX”, promovida pela Comissão Nacional para os Descobrimentos Portugueses aqui trazida graças ao entusiasmo do Governo do Pará.

Soube posteriormente que só a parceria com a Secretaria de Cultura do Governo do Estado permitiu esta instalação na grande nave da Igreja.

Curiosamente, o templo nunca teve na origem azulejaria da época, como aconteceu noutros lugares do Brasil litoral, por isso há uma efémera leitura, no “casamento clandestino”, entre a belíssima talha dos púlpitos e do altar mor e os inúmeros painéis de azulejos de qualidade indiscutível trazidos de Lisboa.

Se tivesse havido mais tempo e algum génio expositivo, poderiam ter sido retirados alguns painéis da estrutura de suporte e estabelecida uma sedutora ligação entre a talha e o azulejo. Ideias.

Ao lado da igreja um renque de casas ainda em restauro. Em projecto, o derrube dos galpões do lado do antigo hospital Real, outra obra de Landi.

A Feliz Lusitania, assim se chamava o núcleo inicial de Belém, pouco a pouco recupera o seu esplendor e as suas raízes lusas. Os 500 anos do Brasil festejam-se assim, com coisas concretas.

A propósito de Giuseppe Landi refira-se uma outra exposição da Comissão Nacional para a Comemoração dos Descobrimentos Portugueses ao dispor do público, num espaço reconstruído, também pela mão do arquitecto bolonhês.

“Amazónia Felsínea”, denomina-se a mostra, exposta no Palácio Lauro Sodré, hoje Museu do Estado do Pará.

A exposição existe graças a algumas recentes técnicas cenográficas e informáticas e só vale, julgo eu, onde houver obras do nosso Landi. Por isso, estive em Bolonha e em Lisboa antes de vir para o Pará. Também por isso todos esperam que por aqui fique graças a um gesto generoso da Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses que por certo preferirá deixá-la onde pode ser útil, a

recambiá-la para Lisboa onde será abatida sem piedade e utilidade. Este gesto seria também um tributo aos 500 anos do Brasil.

Cinco séculos da história dos portugueses da América são os próprios brasileiros, os que construíram o forte do Príncipe da Beira no espigão do Paratis, cujos montes vêm a morrer junto às águas do Guaporé bem em frente à Bolívia, no antigo Vice-Reino do Peru.

O imponente forte, muito semelhante ao de São José de Macapá, afirmou durante cerca de um século, de forma efectiva, a posse da América portuguesa contra a América espanhola.

Não conheço nenhum outro exemplo de uma fortaleza deste porte, construída a mais de dois mil quilómetros da costa marítima.

Festejar os 500 anos, é lembrar os luso-brasileiros que derrotaram os holandeses nas batalhas dos guararapes, naqueles montes que bem se vêem quando o avião se aproxima do aeroporto de Recife.

Em Portugal falou-se muito dos quinhentos anos, muitas exposições didácticas vieram ao Brasil e o percorreram. Aos milhares os cartazes da CNPCDP com o apoio do Instituto Camões foram apresentados nos lugares mais imprevisíveis do Brasil. Todas estas exposições foram também oferecidas às escolas portuguesas e a organismos educacionais brasileiros num agradável exemplo de difusão cultural. Outras exposições de grande envergadura foram organizadas dos dois lados do Atlântico.

A ópera "*O Guarani*" de Carlos Gomes foi apresentada em Portugal e outros espectáculos musicais têm sido e continuarão a oferecer a imagem do Brasil. Os brasileiros organizaram entretanto em 1999, uma interessante exposição itinerante sobre o descobrimento do Brasil que foi apresentada em Portugal em várias cidades, até meados de 2000.

Que dizer da grande mostra "*O Descobrimento do Brasil*", que foi apresentada em São Paulo no decorrer do ano 2000 e que foi sem dúvida o grande marco de viragem da museologia brasileira, tal como o foi em 1983, a mostra europeia organizada em Lisboa, "*Os Descobrimentos Portugueses e a Europa do Renascimento*". Qualquer delas demonstrou que o público gosta de qualidade e inovação.

Já na Comissão Científica dessa exposição portuguesa participaram nomes incontornáveis da historiografia brasileira. Lembro o meu querido amigo Almirante Max Justo Guedes, que inexplicavelmente, conjuntamente com outras figuras da vida cultural luso-brasileira, ligados institucionalmente às comemorações dos 500 anos, não foram convidados a estar em Porto Seguro, em Abril de 2000. Estórias da história, coisas pequeninas.

Ao menos evitaram que uma parte daqueles que dedicaram alguns anos às comemorações, sentissem a vergonha de verem aviltados os descendentes dos primeiros habitantes das terras que vieram a ser o Brasil.

Seja como for, o Brasil é na sua gênese português, provavelmente a mais extraordinária construção política que a Europa produziu na América, o único país onde um Príncipe europeu foi coroado Rei e influenciou o futuro de uma nação.

Os africanos do Golfo da Guiné e de Angola, vendidos pelos seus irmãos aos cobiçosos europeus, vieram em circunstâncias dramáticas aos milhares, para trabalhar como escravos, nas Américas portuguesa, espanhola, inglesa e francesa.

Os engenhos de açúcar, as minas de ouro e prata, os campos de algodão, o simples amanho das terras, dependeu durante séculos do trabalho desses homens e mulheres, arrancados violentamente às suas origens, para serem tratados como mercadoria nos seus destinos.

Do Brasil se falou pela primeira vez na cartografia medieval de uma ilha próxima à Irlanda. E ao longo dos séculos o Brasil deslizou para sul fixando-se nos Açores por algum tempo. É sabido, por exemplo, que em frente à cidade de Angra do Heroísmo na Ilha Terceira, se ergue um monte verdejante que antes das terras de Vera Cruz serem descobertas, já se denominava Brasil.

Não será esta a razão única, mas os Açores sempre estiveram cultural e socialmente entrepostos entre a Europa lusa e a América portuguesa.

Foram os engenhos dos Açores e da Madeira, a arquitectura popular, os regionalismos linguísticos, foram os soalhos oitocentistas, o barroco religioso, todos fizeram escala nas ilhas açoreanas no caminho para o Brasil.

Quando o Marquês de Pombal impôs a língua portuguesa no Brasil derrotando o tupi guarani, estava longe de imaginar a importância política que a língua de Vieira haveria de alcançar no início do século XXI, justamente quando os antigos colonizadores se tornaram um importante investidor estrangeiro no Brasil.

Fólios da carta de Pero Vaz de Caminha andam a ser mostrados pelo Brasil. É um dos documentos escritos em Porto Seguro por um português que ia para escravidão no Malabar. É um texto de qualidade literária, de grande riqueza fotográfica, que foi reproduzido aos milhões de exemplares no Brasil quer através da imprensa diária e quer devido à iniciativa de muitos organismos públicos e privados neste país. Eis outra forma de comemorar os 500 anos, diga-se por pura justiça que tal se deveu à iniciativa do Embaixador Lauro Moreira, hoje representando o Brasil em Marrocos e à época co-Presidente da Comissão Bilateral que comemorou a viagem de Cabral.

Comemorar os 500 anos é garantir a permanência das Festas do Divino, do Círio da Nazaré, das Cavalhadas, enfim, de um interminável conjunto

de gestos culturais que passam por santos e orixás, quiabos e acarajés, dendê e vatapás, doces de ovos e bacalhau.

O projecto *Resgate* passou para o Brasil as fontes existentes no Arquivo Histórico Ultramarino, comemorou os 500 anos e colocou à disposição dos investigadores a história comum.

Afinal, comemorar os 500 anos é ser brasileiro, é desejar que a democracia traga instrução, saúde, bem estar, num espaço que se deseja seja de afectos entre o mosaico de raças e culturas que constituem a pátria brasileira.

Tenho momentos em que sendo teluricamente português gostaria de ser brasileiro, talvez seja este o meu modo, havendo outros, de festejar os 500 anos.

Posso?

Bibliografia

PEREIRA, Duarte Pacheco. *Esmeraldo de Situ Orbis*. Ministério do Ultramar, Lisboa:1988.